

cinco formas

Augusto La Fere

ARS VERBI

CINCO FORMAS

AUGUSTO LA FERE

CINCO FORMAS

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

Cinco Formas

© 2017 Augusto La Fere
Publicado por Ars Verbi™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN 978-65-988749-7-1

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedicatória

A quem escuta
o que não foi dito.

A quem permanece
quando o som já cessou.

“O silêncio não é ausência: é o que
permanece quando tudo cessa.”

— *Paul Celan*

Navegação

Apresentação.....	1
Antes da Voz.....	2
I - Os Dias Lentos.....	3
II - Sobras de um Nome.....	25
III - As Coisas Que Não Chegaram.....	52
IV - Retiro.....	76
V - Cartografia do Invisível.....	104
O Silêncio Depois.....	125
Sumário.....	134

Apresentação

Há livros que se escrevem como se falassem. Há os que se escrevem depois de tudo calado. Este não nasce nem como um nem como outro. Nasce onde o som já foi e ainda lateja – como língua que procura o dente ausente com a pontuação da boca.

Não é resposta. Não é enigma. É modo de escutar o que resta quando as palavras se recolhem dentro do próprio osso.

Não é preciso pressa. A pressa já foi. Não é preciso saber. O saber já esqueceu. Cada fragmento encosta a testa na vidraça fria e fica assim. Não nomeia o que passa. Deixa passar.

Que este livro não diga – que deixe o silêncio falar menos ainda, mas demore para terminar.

Antes da Voz

luz que acende
antes do gesto

alguma coisa respira
num canto sem nome

o som veio
mas ninguém chamou

uma parede úmida
ouve

o corpo pensou
antes da palavra

I – Os Dias Lentos

a cortina se move
sem que haja vento
algo insiste
em parecer presença

a toalha no varal
não sabe que já é outro dia
permanece úmida
como se o tempo também
esquecesse de evaporar

o chá esfriou
sem que alguém percebesse
era manhã
mas parecia a mesma

um pedaço de tempo
ficou no chão
ninguém soube
se era ontem
ou sempre

o pano no varal
mexeu sem vento
e algo
pareceu mudar de lugar
mesmo ficando no mesmo canto

uma gota escapa
do batente
ninguém viu a água
mas tudo está molhado

o lençol sustenta
a ausência
como quem aprende
a não devolver

o chão range
como se lembrasse
de alguém que já passou
muito antes da manhã

o piso estalou
como se algo recuasse
sem nunca ter se mostrado

uma dobra no tempo
ficou na parede
como se o instante
não tivesse decidido
passar

a poeira no canto
não espera ser limpa
ela também é uma forma
de permanência

as moscas caminham
sobre o mesmo espaço
como se o espaço
também não as ouvisse

a água na bacia
ainda vibra
sem toque
ou som

duas sombras
não se sobrepõem
como se o toque
fosse tarde demais

a tigela sobre a mesa
espera o mesmo gesto
de sempre
como se nunca tivesse sido feito

há um ranger nos móveis
sem que ninguém toque
o tempo se estica
entre as tábuas

a dobra do tapete
guarda um desvio
que ninguém corrigiu

o cheiro do quarto
não muda
mesmo com a janela aberta
como se o ar
recusasse ir embora

uma presença parou
entre duas palavras
e não foi embora

o braço ergueu levemente
mas não havia para quem

a porta entreaberta
esqueceu o que ia dizer
e permaneceu assim

II – Sobras de um Nome

alguém me chamou
mas não era meu nome
ou talvez fosse
de um nome que já me deixou

há uma letra
que sempre esquecem
quando tentam me escrever
talvez seja justo
porque também me falto

não reconheço minha voz
quando ouço de fora
ela fala certo
mas por dentro
há um desvio

meus pés sabem
o caminho de volta
mas não sabem quem foi
que saiu daqui

às vezes assino
com uma letra a menos
e a ausência
parece caber melhor

há nomes que me seguem
pelos cantos da casa
não os vejo
mas tropeço neles

quando me perguntam quem sou
começo a responder
mas a frase termina
em outro corpo

às vezes penso
que o nome é um eco
inventado por alguém
para que eu não me ausente

o espelho não recusa
mas hesita
como se me devolvesse
com pequenas falhas

fui chamado
por um nome que nunca usei
mas que me serviu
por um instante
melhor que o meu

não sei dizer
se o nome que carrego
me foi dado
ou se fui eu
quem o aceitou por cansaço

há um som
no fundo do meu nome
que ninguém ouve
mas que pesa

havia um pano guardado
com meu nome bordado à mão
o fio desbotado
parecia saber mais de mim
do que eu

quando escrevem meu nome
em voz alta
sinto que algo se apaga
em silêncio

me chamaram
e por um instante
hesitei
como quem já não deve nada
ao nome

a voz que me chama
vem de um lugar neutro
não há afeto
nem acusação
só convocação

me disseram um dia
que nomes têm origem
mas o meu
só tem retorno

escrevo outros nomes
no início da página
como quem experimenta
uma roupa emprestada
que por um instante
quase serve

carrego meu nome
como quem segura um prato
com líquido demais
cuidando
para não se derramar

me ensinaram a responder
sem pensar
mas agora
só escuto
quando não me chamam

há um intervalo
entre quem me chamam
e quem atende
é nesse espaço
que eu me escondo

uma vez ouvi
meu nome dito
como se fosse outro
e senti
que me descreviam melhor

o nome me antecede
entra antes na sala
deixa o corpo
com um atraso
que ninguém percebe

um dia me chamaram
e eu não fui
não por recusa
mas por não saber
quem deveria ir

o nome se ajusta
mas não encaixa
acomoda-se
mas nunca repousa

e a voz
que responde
não é
minha

III – As Coisas Que Não Chegaram

a mão parou
antes do aceno

havia um gesto
mas o corpo
chegou depois

o gesto não veio
mas algo
permaneceu como se tivesse sido feito

alguém bateu à porta
mas ninguém abriu
nem insistiu

o chão tinha marcas
de alguém que ficou
à beira de entrar

não houve carta
nem papel rasgado
apenas o envelope
ainda virgem

ensaíaram o encontro
mas esqueceram o horário
ou o motivo

o objeto caiu
antes de ser entregue

o olhar buscava algo
mas a janela
não mostrava nada

foi deixado um lugar
à mesa
mas ninguém soube por quem

o som começou
mas não havia voz

havia uma colher
ao lado do prato
que ninguém tocou

era fim de tarde
mas ninguém parecia
ter notado

o lugar sabia esperar
mas o corpo
se desviou

a pergunta ficou pronta
mas a boca
não a usou

um copo separado
não foi usado
nem lavado

houve quem partisse
antes de chegar
sem anúncio

o toque estava ali
no ar entre dois gestos
mas se desfez

o caminho foi varrido
mas ninguém passou

havia um calor
no quarto
sem corpo

o nome foi pensado
mas não dito

os olhos esperavam
sem saber
o que vinha

nenhuma despedida
foi dita
mesmo assim
alguém partiu

IV – Retiro

há dias em que
a única coisa que se move
é a respiração
vinda do outro cômodo
e ainda assim
parece distante

o lençol guarda
a dobra exata
do corpo que partiu
mas não há peso
nem ausência

o estômago
quebra o silêncio
com mais verdade
do que qualquer palavra

senti um pensamento
chegar inteiro
e passar
sem precisar ser dito

o corpo está aqui
mas mais leve
como se a presença
não exigisse mais prova

ouvi a água
passando por dentro de mim
sem dor
sem urgência
como se soubesse
que era isso o que restava

não há mais vontade
de explicar
o silêncio agora
faz sentido
antes mesmo das palavras

uma poeira lenta
subia do chão
sem vento
nem motivo
apenas o tempo
respirando

me recolhi
não por medo
mas porque o dentro
começou a chamar

houve um instante
em que me ouvi
e não soube
se era oração
ou escuta

não havia som
mas mesmo assim
o silêncio era atravessado
por alguma coisa viva

me demorei
na dobra da almofada
como se ali
restasse um pouco
do que fui

ficar quieto
era mais do que não falar
era permitir
que outra coisa dissesse

o gesto de beber
foi esquecido
mas a sede
permaneceu

na sombra do quarto
uma voz pensou algo
mas não disse
e isso bastou

não precisei sair
para perceber
que já tinha voltado

o peso do corpo
era o exato
não sobrava
nem faltava

respirar fundo
sem saber por quê
era o bastante

não era mais eu
mas uma escuta
que se encostava
no fundo das coisas

a palavra que quase veio
se recolheu
como quem entende
que não é hora

ouvi um barulho dentro
sem saber
se era físico
ou memória

o silêncio me pediu
que não o interrompesse
e pela primeira vez
obedeço sem culpa

um calor no peito
não era emoção
era apenas o corpo
dizendo que ainda existe

não há revelação
só o hábito
de escutar
sem nomear

hoje percebi
que posso estar inteiro
sem ser inteiro

um cansaço leve
e o que respondeu
veio antes das palavras

me disseram
que o silêncio era resposta
mas ninguém me contou
qual foi a pergunta

V – Cartografia do Invisível

Cidadela Suspensa

a cidade inteira
parecia construída
sobre um silêncio antigo
e mesmo assim
alguém deixava rastros
sem passos

Alvaredo

nunca estive lá
mas sei o som
das pedras sob os pés
e o modo como a luz
se demora nas esquinas

Ravelim

as ruas formam círculos
que não se repetem
como se a cidade
não quisesse
ser aprendida

Muradia

a torre central
não tem entrada
nem janelas
apenas um rumor
que sobe pelas pedras

Calmoa

as pessoas falam baixo
sem se tocarem
como se cada palavra
fosse algo a ser poupado

Noveiras

há sombras
sem fonte
nas paredes
como lembranças
de quem nunca chegou

Verno

no centro da cidade
há um banco
onde ninguém senta
porque todos
esperam alguém
que nunca partiu

São Linhas

não há ruas
só passagens
as casas se tocam
pelos telhados
como se a cidade
não aceitasse o chão

Lentares

os sinos tocam
em horários incertos
às vezes antes do tempo
às vezes depois
como se chamassem
algo que não virá

Bruma Clara

a neblina é o que resta
quando tudo foi esquecido
e mesmo assim
a cidade continua
como se soubesse
que o esquecimento
também é forma

Íria Velada

há um muro baixo
em torno de tudo
mas ninguém tenta ultrapassar
porque o lado de fora
parece ainda mais dentro

Penúria Alta

nenhuma casa tem número
os nomes não circulam
e mesmo assim
alguém deixa pão
onde ninguém espera

Canto de Atrás

o que mais se ouve
não vem da cidade
mas de uma curva
que fica além do que se vê

Quieta Luz

há uma claridade constante
mas sem fonte
como se o dia
tivesse parado
por delicadeza
e por um instante
pensei em ficar

agora eu poderia dizer

mas o que veio
não era mais palavra

apenas isto:

—



o que resta
quando a boca
é apenas osso?

o nome não veio

o nome não veio

o não veio

o

—

siØe.ñçØ

[]

(.)

respo...

—

O Silêncio Depois

a última palavra
foi um buraco
onde a luz escorre

Ø

não há mais o que sustentar

—

o tempo parou
sem pedir desculpas

-

a escuta continuou
mesmo depois
da última palavra



o centro
era silêncio

—

não era ausência
era o fim
do esforço

•

o corpo ficou
mas não como espera
como chão

Ø

nenhuma imagem
mas ainda assim
presença

Sumário

...

(o silêncio também não se enumera)

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*TM, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cartas para Ninguém* (2017), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na Garamond renascentista talhada por Claude Garamont (c. 1480–1561), em Paris. Assim como o silêncio guarda em si o tempo, esta fonte conserva a memória do século XVI que hoje encontram vestígios no suporte digital.

Esta obra foi pensada como gesto, não como produto.



